**Gonçalves Dias**

**Canção do exílio**

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.  
As aves que aqui gorjeiam  
Não gorjeiam como lá.  
  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores.  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
  
Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá.  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.  
  
Minha terra tem primores  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá.  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.  
  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras  
Onde canta o sabiá.

**I-Juca Pirama**

**IV**

Meu canto de morte,   
Guerreiros, ouvi:   
Sou filho das selvas,   
Nas selvas cresci;   
Guerreiros, descendo   
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,   
Que agora anda errante   
Por fado inconstante,   
Guerreiros, nasci;   
Sou bravo, sou forte,   
Sou filho do Norte;   
Meu canto de morte,   
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,   
De tribos imigas,   
E as duras fadigas   
Da guerra provei;   
Nas ondas mendaces   
Senti pelas faces   
Os silvos fugaces   
Dos ventos que amei.

Andei longes terras   
Lidei cruas guerras,   
Vaguei pelas serras   
Dos vis Aimoréis;   
Vi lutas de bravos,   
Vi fortes - escravos!   
De estranhos ignavos   
Calcados aos pés.

E os campos talados,   
E os arcos quebrados,   
E os piagas coitados   
Já sem maracás;   
E os meigos cantores,   
Servindo a senhores,   
Que vinham traidores,   
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo,   
Meu último amigo,   
Sem lar, sem abrigo   
Caiu junto a mi!   
Com plácido rosto,   
Sereno e composto,   
O acerbo desgosto   
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado   
Já cego e quebrado,   
De penas ralado,   
Firmava-se em mi:   
Nós ambos, mesquinhos,   
Por ínvios caminhos,   
Cobertos d’espinhos   
Chegamos aqui!

O velho no entanto   
Sofrendo já tanto   
De fome e quebranto,   
Só qu’ria morrer!   
Não mais me contenho,   
Nas matas me embrenho,   
Das frechas que tenho   
Me quero valer.

Então, forasteiro,   
Caí prisioneiro   
De um troço guerreiro   
Com que me encontrei:   
O cru dessossêgo   
Do pai fraco e cego,   
Enquanto não chego   
Qual seja, - dizei!

Eu era o seu guia   
Na noite sombria,   
A só alegria   
Que Deus lhe deixou:   
Em mim se apoiava,   
Em mim se firmava,   
Em mim descansava,   
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado   
De penas ralado,   
Já cego e quebrado,   
Que resta? - Morrer.   
Enquanto descreve   
O giro tão breve   
Da vida que teve,   
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,   
Mas forte, mas bravo,   
Serei vosso escravo:   
Aqui virei ter.   
Guerreiros, não coro   
Do pranto que choro:   
Se a vida deploro,   
Também sei morrer.